

Curitiba, do Plano Agache (1943) ao Plano Serete/ IPPUC (1965): Permanências do Planejamento, Apropriação do Discurso e Negação do Passado

Curitiba, from Agache Plan (1943) to Serete/IPPUC Plan (1965): Planning, Appropriation of Discourse and Negation of the Past

Curitiba, del Plan Agache (1943) al Plan Serete/IPPUC (1965): Permanencias de la Planificación, Apropiación del Discurso y Negación del Pasado

Julio Cesar Botega do Carmo. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, SP, Brasil.

E-mail: juliobotega@usp.br

Resumo

Assim como o urbano, os cientistas que tentam explicá-lo são fruto de dado momento histórico e determinados social, política, ideológica, jurídica e economicamente. Com base nesse fato e tomando-se as ideias centrais dos intelectuais que por meio da Geografia Urbana e da Geografia Histórica entendem o espaço, busca-se a compreensão da cidade de Curitiba durante o século XX, verificando como a abordagem técnico-científica agiu na regulação do crescimento e na modernização, demonstrando como a ciência nos ajuda na compreensão da cidade, neste caso dando especial destaque a uma cidade brasileira e à sua realidade de país emergente.

Também se buscará verificar como o arquiteto Alfred Agache contribuiu para modificações na cidade e na construção de uma identidade curitibana, fortemente atreladas ao progresso e à ordem urbanos, a fim entender as transformações urbanas de Curitiba. O objetivo é ir além da história oficial e midiática, e inserir o processo de planejamento de Curitiba em um contexto, em que as permanências, tanto físicas, construídas, quanto as imateriais, como a segregação espacial e a falta de políticas urbanas para a melhoria da qualidade de vida da população menos favorecida financeiramente, presentes nos planos e nas ideias dos planejadores analisados, sejam expostas e discutidas, como caminho para a superação desse pensamento sobre a cidade.

Palavras-chave: Curitiba; Alfred Agache; Plano Serete.

Abstract

Like the urban, the scientists who try to explain it are the result of a certain historical moment and determined socially, politically, ideologically, legally and economically. Based on this fact and taking the core ideas of the intellectuals who through Urban Geography and Historical Geography understand the space, it seeks to understanding of the city of Curitiba during the XX century, looking at how to approach technical-scientific acted in the regulation of the growth and modernization, demonstrating how science helps us understand the city, in this case giving special emphasis to a Brazilian city and its emergent country reality. It will be sought to verify how the architect Alfred Agache contributed to modifications in the city and the construction of an identity, strongly linked to the urban progress and the order, to contribute to understanding urban transformations of Curitiba. The objective is to go beyond official and media history and insert Curitiba's planning process in a context where physical, built, and immaterial stays such as spatial segregation and lack of urban policies for quality improvement in the plans and ideas of the planners analyzed, be exposed and discussed, as a way to overcome this thinking about the city.

Keywords: Curitiba; Alfred Agache; Plano Serete.

Resumen

Como lo urbano, los científicos que intentan explicarlo resultan de un momento histórico y son determinados social, política, ideológica, jurídica y económicamente. Con base en este hecho y tomando las ideas centrales de los intelectuales que a través de la Geografía Urbana y de la Geografía Histórica entienden el espacio, se busca la comprensión de la ciudad de Curitiba durante el siglo XX, verificando cómo el abordaje técnico-científico actuó en la regulación del crecimiento y la modernización, demostrando cómo la ciencia nos ayuda en la comprensión de la ciudad, en este caso dando especial destaque a una ciudad brasileña y su realidad de país emergente. Se buscará verificar cómo el arquitecto Alfred Agache contribuyó para modificaciones en la ciudad y en la construcción de una identidad curitibana, fuertemente ligadas al progreso y el orden urbanos, a fin de contribuir con el entendimiento de las transformaciones urbanas de Curitiba. El objetivo es ir más allá de la historia oficial y mediática e insertar el proceso de planificación de Curitiba en un contexto, donde las permanencias, tanto físicas, construidas, como las inmateriales, como la segregación

espacial y la falta de políticas urbanas para la mejora de la calidad de vida de la población menos favorecida financieramente, presentes en los planes e ideas de los planificadores analizados, sean expuestas y discutidas, como camino para la superación de este pensamiento sobre la ciudad.

Palabras clave: Curitiba; Alfred Agache; Plano Serete.

INTRODUÇÃO

■ mportante característica dos planos elaborados pelo urbanista francês Alfred Agache (Tours, 1875-Paris, 1959) no Brasil, tanto o de Curitiba quanto o realizado para o Rio de Janeiro, entre outros, é o aparente abandono deles logo após sua entrega, geralmente por motivos políticos, mas, sobretudo, por imaginar cidades onde a remodelação e reconstrução seriam de valor muito elevado se fossem levadas a cabo.

Nesse sentido, muitos consideram que o planejamento urbano de Curitiba é iniciado com a chegada de Bento Munhoz da Rocha Netto ao cargo de governador, em 1953, quando construiu o Centro Cívico, no local proposto por Agache, ou posteriormente, com a ascensão de Jaime Lerner e sua equipe ao comando político da cidade. Sem diminuir a importância de Lerner ou Bento Munhoz para o desenvolvimento urbano de Curitiba, aos que ignoram os planos anteriores a estes ou à criação da Assessoria de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – Appuc¹ (que mais tarde passou a se chamar Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC) cabem algumas ressalvas.

O método aqui utilizado é o da pesquisa histórica e oral, com base em documentos, livros, entrevistas, imagens etc., que ajudam a decifrar e compreender os caminhos e descaminhos da cidade no século XX, pois “acreditamos que método seja informação, mas, sobretudo, acreditamos que constitua caminho de conhecimento” (RIBEIRO, 1993, p. 31); sendo assim, devemos valorizar as categorias e os conceitos, diferenciando o empirismo do concreto pensado, levando categorias e conceitos a serem ferramentas de conhecimento, de entendimento dos processos, contribuindo até no estudo de outros campos e temáticas.

Ao optarmos pelo estudo dos processos e dos movimentos, somos levados a considerar critérios e periodização em nossas pesquisas. O recorte não é mais, tão somente, a preferência temática, mas sim a busca da ruptura de paradigmas, de ideologias e até mesmo de mitos que povoam a imaginação leiga ou científica. Essa valorização dos processos se faz não somente pelo acúmulo de informações, mas também pelas relações que as diversas faces de um mesmo estudo podem ter e que constituem a complexidade dos trabalhos apresentados (RIBEIRO, 1993). A partir daí o objetivo é questionar se de fato houve abandono do plano de Curitiba, se o plano que veio a substituí-lo realmente provocou alterações substanciais ou se apropriou, prosseguiu e aprofundou sua lógica.

Nesse sentido, busca-se verificar como o arquiteto Alfred Agache contribuiu para modificações na cidade e na construção de uma identidade curitibana, fortemente atreladas ao progresso e à ordem urbana. Serão expostos os principais pontos do plano, a fim de contribuir para o entendimento das transformações urbanas de Curitiba, dando destaque ao que Oba (1998) define como a imagem da cidade

¹ A Appuc foi criada por Decreto Municipal em 31 de julho de 1965, sendo formada por um grupo de técnicos da prefeitura para acompanhar todas as etapas de elaboração do Plano Preliminar de Urbanismo para Curitiba.

moderna, que impulsionada pela difusão do capitalismo, sobretudo nas capitais, evidencia uma nova definição para suas funções, sejam elas de comando, produção, consumo ou sociais.

Essa discussão é imprescindível por causa da necessidade de respostas ante os desafios que o planejamento urbano impõe, bem como dos reflexos atuais das obras de urbanistas e dos demais pensadores do ambiente e do espaço urbano – o que, por sua importância histórica para Curitiba, levou quase que naturalmente a refletir acerca de algumas ideias do Plano Agache – e dos reflexos que mantêm hoje, levando a olhares cruzados sobre o espaço urbano, sua dimensão, extensão e futuro.

CURITIBA: DO PLANO AGACHE (1943) AO PLANO SERETE/ IPPUC (1965)

Quando Agache projetou seu plano para Curitiba, a cidade possuía cerca de 140 mil habitantes. Contudo, no final da década de 1960, a cidade já possuía mais de 600 mil habitantes. Portanto, o plano projetado, em pouco tempo, foi esquecido, porém boa parte dele foi implantada. Esse esquecimento, contudo, é contraditório, quando contabilizamos a quantidade de ideias postas em prática, por exemplo, quando observamos o traçado de algumas das principais linhas de ônibus urbanos da cidade, que obedecem à forma proposta por Agache e lembram-na, com seus anéis concêntricos e seu Plano de Avenidas, como é possível verificar nas figuras 1 e 2.

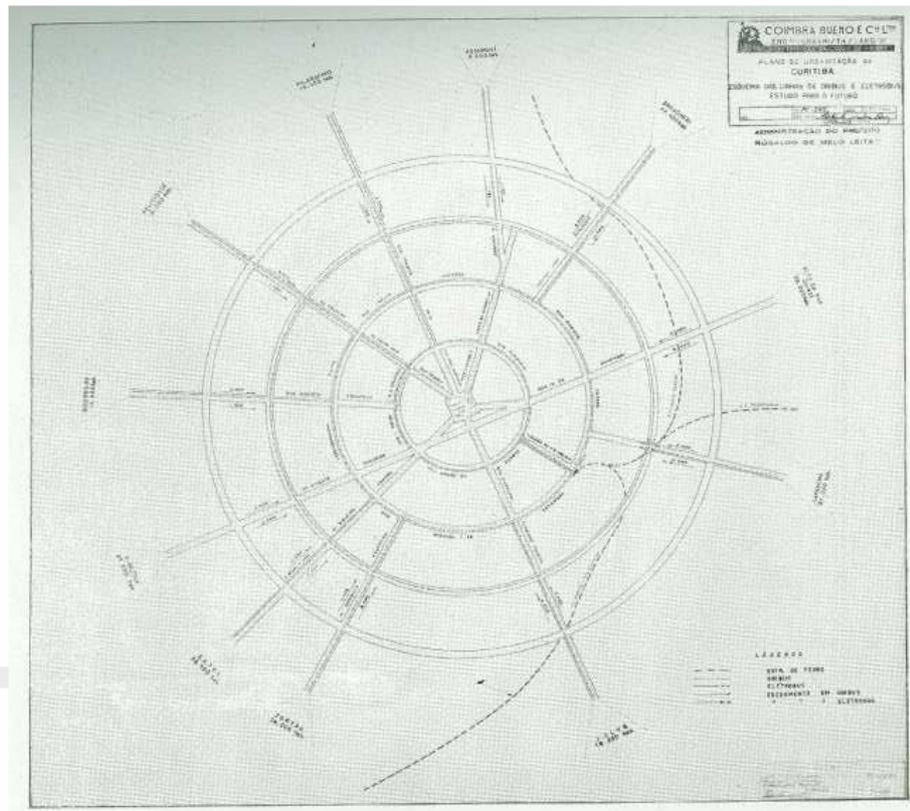


Figura 1: Esquema das linhas de ônibus no Plano Agache.
Fonte: Plano de Urbanização de Curitiba (1943).

ESQUEMA RIT

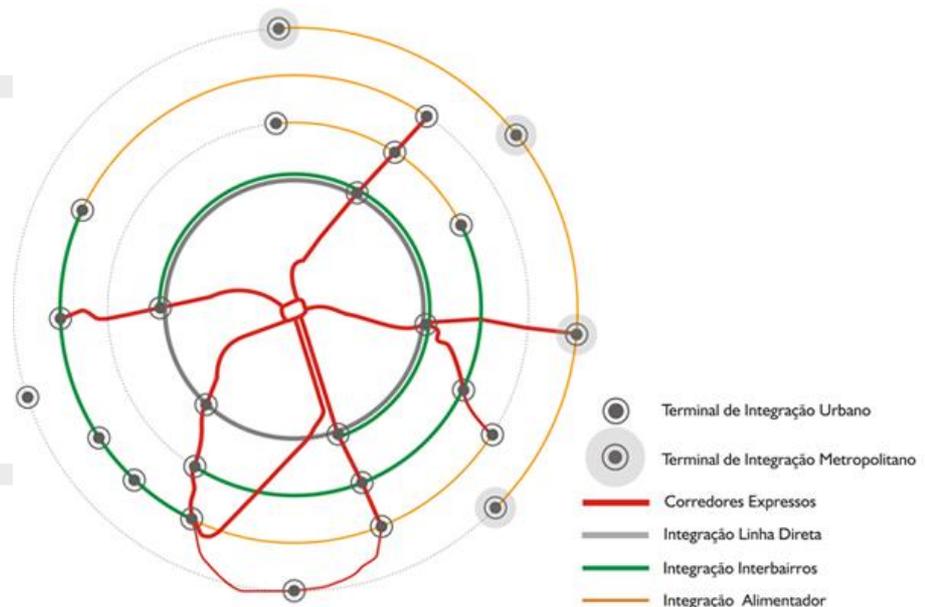


Figura 2: Esquema da Rede Integrada de Transportes (RIT) atual.
Fonte: URBS (2010).

Outros resultados do Plano Agache são algumas ruas e avenidas alargadas e urbanizadas, o Centro Cívico, obras de combate a enchentes, a ideia das avenidas radiais (que mais de 50 anos depois sobrevivem com o nome de vias estruturais), bem como a rede de parques que foram implantados: “resultado de propostas que visualizaram, pela primeira vez, a cidade de uma forma integrada” (GARCEZ, 2006, p. 78). Para além dos resquícios materiais, o marco visível é a divisão social da cidade, como aprofundamento das relações desiguais que se dão no espaço urbano. O crescimento projetado por Agache em direção à periferia, onde seriam colocadas as massas de trabalhadores e as camadas mais pobres da população, que realmente aí se instalaram, permanece. Nesse sentido, o aparente abandono e a superação das ideias de Agache, se não constituem uma história, são pelo menos um equívoco.

De acordo com Santos (1999), apesar de parte da população manifestar seu desgosto com a gestão de alguns prefeitos de Curitiba ao longo das sete últimas décadas, vê-se a apreensão de que a reestruturação urbana foi um processo marcado pela continuidade. Esse paradoxo de ações é atribuído à existência de um plano urbanístico que, aos poucos, foi implantado: o Plano Agache. Segundo o autor, “para a **Curitiba de hoje**, poderíamos considerar que o *Plano Agache estruturou a cidade*. [...] (ainda que nem todas) as ações urbanísticas, desencadeadas desde o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, estivessem orientadas por princípios contidos naquele Plano”, se não o plano completo, “ao menos, a construção do Centro Cívico decorre daquele plano urbanístico, e, depois, algumas das obras realizadas na gestão de Ivo Arzua Pereira” (SANTOS, 1999, p. 85, grifos do autor).

Nos depoimentos que colheu, Santos (1999, p. 86) expõe que o

governador Bento Munhoz e o prefeito Ivo Arzua embora não tenham exercido seus mandatos concomitantemente, são lembrados como se estabelecessem uma relação de complementaridade: o segundo cumprindo o papel de continuador das intervenções urbanas do primeiro

já que, para a população, a principal novidade que a presença desses políticos exerceu foi a imagem de agentes das transformações urbanas de Curitiba, trazendo à percepção dos habitantes da cidade a existência de um conhecimento técnico gerindo as ações que estruturavam o tecido urbano tal qual vemos hoje. Para Ferreira (2004, p. 26-27), “Bento Munhoz da Rocha Netto fez da arquitetura brasileira, influenciada por Le Corbusier, o argumento mais visível da grandeza do Paraná. É visível no urbanismo curitibano essa influência que seguiu os critérios da Carta de Atenas [...]”.

Passados dez anos da entrega do Plano Agache, o governo do estado decidiu comemorar o centenário construindo o conjunto do Centro Cívico no local previsto e um grande teatro² na Praça Santos Andrade, ao contrário do que estabelecia Agache (que o definira para a Praça Rui Barbosa), mas mantendo a

² Teatro Guaíra, inaugurado em 27 de junho de 1951.

localização na região central. Pode-se afirmar, portanto, que a partir de 1950, houve avanços, tanto no aspecto teórico como no prático, mas as ideias originais e balizadoras foram lançadas no plano de 1943.

Após o golpe militar de 1964 que instaurou a ditadura no país, ao contrário de Agache, a nova equipe contava com o aparato estatal e tinha o aval de um governo ditatorial para a execução de grandes planos sem participação e nem discussão com a população, ou mesmo que, excluindo parcela significativa desta, pudesse ser discutida com grandes setores da sociedade, fossem eles acadêmicos ou profissionais. No período em que Agache esteve em Curitiba, apesar de ser um tempo de governo ditatorial (o Estado Novo), não houve colaboração e financiamento para seus projetos (CARMO, 2011).

A despeito da retomada das ideias de Agache e de sua importância para Curitiba, não se deve romantizar o plano por ele proposto, pois apresentava falhas e o compromisso com a ditadura da época. Conforme Ribeiro e Cardoso (1996), o discurso da higiene e da funcionalidade, no qual se baseava o plano para Curitiba, tinha, no Estado Novo, um caráter de reprodução da modernidade das cidades civilizadas, mas também de controle e manutenção do regime ditatorial. A ação do planejamento como compromisso governamental começou no distrito federal na década de 1930, em seguida ao plano que Agache fez para o Rio de Janeiro (SILVA, 2000).

As experiências no Brasil com planos e práticas do urbanismo se fortaleceram quando o país se propôs a modernizar sua economia, partindo de ideias e modelos formulados na Europa e nos Estados Unidos. Para os vitoriosos da Revolução de 1930, para colocar o país em ordem era preciso implantar uma política de intervenção saneadora. Esse novo discurso valorizava a sociedade urbana em detrimento da rural, portanto a valorização do meio urbano estava articulada às ideias de modernização e nacionalismo (SILVA, 2000). Essa conjuntura exerceu forte influência nas políticas urbanas como novo campo de intervenção do Estado. Um panorama da atuação do poder público pretendeu mostrar que Curitiba também se integrava às práticas urbanísticas, buscando a técnica para solucionar seus problemas e criando um novo campo de trabalho teórico-político de atuação para o Estado. Pretendeu-se legitimar pela técnica a ação do estado paranaense, e as orientações das políticas públicas apoiavam a política do Estado Novo: racionalização e modernização burocrática, infraestrutura, educação, fomento à industrialização e colonização.

Os urbanistas procuravam organizar as cidades em setores cujas comunicações fossem asseguradas por um sistema viário e uma distribuição dos equipamentos urbanos que garantissem o bom funcionamento da cidade. Acreditavam que a ciência urbana e a aplicação de meios científicos e técnicos seriam viáveis para a normatização das funções da cidade, denunciando males e apresentando uma nova ordem espacial.

Quando os poderes públicos contrataram um plano urbanístico para a cidade na década de 1940, não havia um plano de ação integrada para criar um processo de planejamento. A decisão foi isolada de qualquer articulação espacial da produção, da circulação e do consumo em níveis metropolitano, regional ou nacional. Tratou-se de resolver o problema da circulação, em dimensões reduzidas,

atingindo o centro e alguns bairros delimitados por perimetrais, sem acompanhar o crescimento das populações em direção às periferias (SILVA, 2000). As intervenções no sistema viário estavam mais direcionadas para resolver os problemas de deslocamento do espaço intraurbano, considerando as relações e as localizações representadas por certos pontos da cidade, do que criar eixos viários que garantissem fluidez do tráfego, aumentando a concentração de atividades nas áreas centrais.

A cidade de Curitiba foi sendo redefinida e incorporando reflexões urbanas trazidas pelas mudanças materiais, técnicas e sociais refletidas nas construções que se espalhavam além dos limites do quadro urbano. A história da ocupação do solo urbano descreve movimentos sucessivos e simultâneos de grupos sociais associados ao preço da terra, à especulação e à repulsão (CARMO, 2011).

Existia um consenso entre as ideias de Agache e as expressas no Plano Serete no sentido de mudar a imagem da cidade por meio da organização de espaços capazes de compor um sistema hierárquico de utilidade social. Os centros funcionais e o sistema viário transformariam Curitiba em cidade, deixando de ser uma simples “aglomeração de casas”. Entre outros fatores, o solo urbano vale por sua localização, e, à medida que se desenvolvem atividades econômicas e há mais necessidade de espaço, conjugado à redução na oferta, os terrenos se tornam mais caros; o solo disputado e valorizado pode gerar dois comportamentos no mercado: expansão (periferias) ou verticalização (áreas centrais) (SILVA, 2000). Enquanto os terrenos mais distantes do centro são acessíveis porque existe oferta e são mais baratos, os terrenos privilegiados se tornam mais raros e caros.

Nesse contexto, para que o planejamento fosse um instrumento transformador das condições de infraestrutura e ocupação, era preciso abrir um campo de trabalho para os técnicos dentro do âmbito político. Sobre o urbanismo de Agache, segundo Gnoato (1997, p. 86), “Sua maneira de pensar o urbanismo chegava ao nível do desenho das edificações”, o que fica claro nos desenhos que fez para o Centro Cívico, atual bairro-sede dos governos municipal e estadual, bem como de diversos edifícios públicos:

O Plano foi extremamente detalhado, contendo: o desenho das ruas e de suas interseções; sugestões para diversas praças, e perspectivas para a arquitetura do Centro Cívico, do Estádio Esportivo, da Estação Rodoviária e de outros **Centros Funcionais**.

Desta maneira, através do Plano, Curitiba passou a dispor de instrumentos para orientar seu crescimento, para disciplinar a circulação de veículos, através de um **Plano de Avenidas**, e a construção dos edifícios conforme um **Código de Posturas**.

Como a municipalidade já dispunha de um conjunto de legislações detalhadas, de origem colonial portuguesa, Agache reforça estes mecanismos, compilados em 1953 em um Código de Posturas, e que não foram inteiramente substituídos até os anos 90 (GNOATO, 1997, p. 18).

Além dos centros, as grandes avenidas que cortam a cidade foram pensadas nesse plano, que, apesar de não terem sido projetadas por Agache, foram por ele ampliadas e modificadas em trechos ou em toda sua extensão. Já o Plano Preliminar de Urbanismo de 1966 foi marcado pela proposta de crescimento linear, contrariando a estrutura radioconcêntrica desenvolvida no Plano das Avenidas, tendo com diretrizes o crescimento linear servido por vias tangenciais de circulação rápida, a hierarquia de vias, o desenvolvimento preferencial da cidade no eixo nordeste-sudoeste (DUDEQUE, 2010), o policentrismo, o adensamento, a extensão e adequação das áreas verdes, a caracterização de áreas de domínio de pedestres e a criação de uma paisagem urbana própria (SILVA, 2000).

Outra novidade trazida pelo plano elaborado a partir dos anos 1960 incluía a ideia de cidade socialmente responsável, que não aparecia no Plano Agache. Contudo, sobre a propaganda referente à imagem de Capital Social³, Garcez (2006, p. 61) alerta que, desde o início do século, esse problema não era considerado:

Os historiadores e cronistas que descreveram a cidade do começo do século XX, moderna, higiênica, progressista, não perceberam ou não revelaram que, à margem do progresso desenvolvimentista, se coloca uma questão que, progressivamente, foi se avolumando ao longo do século a ponto de se tornar o grande desafio do urbanismo contemporâneo: a questão social.

Para García (1993, p. 27-28),

O Plano Agache, de 1943, fora até esta data [1965] a única proposta urbanística para Curitiba. Era, entretanto, apenas uma proposta de ordenamento físico.

A dimensão cultural do Plano Agache reside em que, a despeito de não ter sido implementado e haver se tornado obsoleto, introduziu o urbanismo em Curitiba. E ainda que não se possa considerar o Plano Preliminar de Urbanismo de 1965 como revisão ou mesmo atualização do Plano Agache, algumas propostas deste foram retomadas como recomendações específicas do Plano Preliminar, principalmente no que dizia respeito ao sistema viário.

Considera-se que o Plano Agache não se limitou a uma proposta de ordenamento físico, assim como não foi a primeira proposta urbanística para a cidade. O que Agache propôs foi sim um plano que a integrava, de modo a projetar uma cidade que se expandia. Não se pode afirmar que o Plano Serete, em sua totalidade, tenha sido uma simples revisão ou atualização do antigo plano, nem mesmo uma reformulação, pois se acrescentaram novas ideias e rumos para o desenvolvimento, bem como não há dúvidas de que muitas ideias de Agache foram abordadas no novo plano, que contribuiriam para que Curitiba passasse a

³ A imagem de Curitiba como “Capital Social” fez parte da publicidade da prefeitura de Curitiba durante as décadas de 1990 e 2000, com destaque na gestão de Cássio Taniguchi (Partido da Frente Liberal – PFL, 1996-2004).

ser considerada cidade-modelo a partir da década de 1970 – ainda que, como demonstram Faraco (2002), Carmo (2018), entre outros, as intervenções de maior expressão não estivessem previstas no Plano Serete/ IPPUC.

As ideias que desembarcaram com Agache quando de sua chegada à cidade tomaram novos contornos, chegando às pranchetas dos novos administradores, que reformularam velhas ideias, se apropriaram de algumas delas para si (como das propostas de zoneamento e criação de centros, que levaram à criação da Cidade Industrial de Curitiba – CIC –, por exemplo, no ano de 1973) e certamente fizeram novas proposições. O Quadro 1 mostra algumas das propostas do Plano Agache e suas permanências no espaço urbano de Curitiba.

PROPOSTA DO PLANO AGACHE	PERMANÊNCIA/ADAPTAÇÕES NO PLANO SERETE OU POSTERIOR
Ruas/avenidas de grande largura/extensão (Plano de Avenidas)	Renomeadas de estruturais e aparente mudança dos eixos de crescimento de uma estrutura concêntrica para uma radial. Contudo, ainda hoje, o que se observa é que as avenidas concêntricas criadas por Agache absorvem boa parte da demanda de tráfego que se houvesse a necessidade de cruzar pelo centro da cidade ou pelas estruturais acabariam por congestionar (ainda mais) o trânsito da cidade.
Centro Universitário	Permanece em área próxima à proposta no plano. Foi inaugurado em 1961 e hoje é <i>campus</i> da Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Centro Cívico	Inaugurado em 1953 na área proposta pelo projeto de Agache. Sede dos governos estadual e municipal, é hoje patrimônio histórico do estado do Paraná.
Rede de parques	Muitas das áreas destinadas a parques se concretizaram, principalmente a partir da década de 1990 e a construção da imagem de “cidade ecológica”, sobretudo na gestão de Rafael Greca de Macedo (1993-1996).
Comissão do Plano da Cidade	Culminou na criação, em 1965, do atual Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), órgão que rege e administra todas as intervenções urbanas e arquitetônicas de interesse da prefeitura na cidade.
Mercado Municipal, Rodoferroviária, Aeroporto Bacacheri, Jóquei Clube, entre outros	Permanecem na localização proposta pelo Plano Agache, alguns foram ampliados e modificados, porém mantêm sua função.
Grande teatro	Em vez da construção na Praça Rui Barbosa, optou-se pela construção na Praça Santos Andrade, no contraponto ao edifício sede da UFPR. Denomina-se Teatro Guaíra, um dos maiores da América Latina, inaugurado em 1974.

Simplificados pressupostos sociais	Ambos os planos possuem simplificados pressupostos sociais, como mobilidade, habitação e acesso das camadas de baixa renda de ter direito à cidade.
------------------------------------	---

Quadro 1: Permanências do Plano Agache em Curitiba.
Fonte: Carmo (2011).

Ao contrário do caso do Rio de Janeiro, em Curitiba o questionamento do porquê da contratação de um urbanista estrangeiro não foi tão ferrenho. Contudo, Agache chegou como consultor, não podendo assinar o plano, levantando questionamentos sobre qual foi a sua real participação (DUDEQUE, 2010). A empresa contratada, a Coimbra Bueno & Cia., trouxe Agache à cidade e este se encarregou de divulgar, com o apoio da imprensa local, suas ideias de melhorias e planejamento futuro. Era necessário o apoio da elite, assim como das camadas populares. O plano não teria continuidade se toda a população não se comprometesse a colocá-lo em prática e mantê-lo como um benefício de todos. Os políticos já o apoiavam, a imprensa também, e, em pouco tempo, a população discutia o futuro da cidade, bem como as ideias de seu idealizador (GNOATO, 2006).

Na década de 1960, com nova licitação para a contratação de um plano urbanístico, a equipe vencedora era formada pela empresa Serete e pelo escritório do arquiteto Jorge Wilhelm, que fez a análise da situação de Curitiba mediante dois diagnósticos: um socioeconômico (sob a responsabilidade da Sociedade Serete de Estudos e Projetos Ltda.) e outro urbanístico, chamado Plano Preliminar (executado por Jorge Wilhelm Arquitetos Associados) (GNOATO, 1997). Aparentemente, ignorou-se o que havia antes em termos de planejamento, como fica claro na entrevista realizada pelo autor deste texto com agentes diretamente envolvidos no processo de planejamento urbano, com destaque para a realizada com o arquiteto Jorge Wilhelm. A entrevista consistiu em sete perguntas, baseando-se no que permaneceu do Plano Agache no novo plano e pode ser visto na cidade até hoje. Buscou-se questionar os motivos que levaram ao abandono do primeiro e ao sucesso do segundo plano. A resposta do arquiteto Jorge Wilhelm foi a seguinte:

Receio que minha resposta não lhe será de utilidade... Quando elaborei, em consórcio com a Serete, o Plano Básico de Curitiba (1964-1965), tivemos reuniões com a Secretaria de Planejamento da Prefeitura, cujo titular não estava interessado em colaborar para um novo plano, pois a iniciativa de contratá-lo fora diretamente do prefeito Ivo Arzua. Em consequência montei um grupo local de acompanhamento que contou com diversas personalidades interessadas em colaborar (entre elas Jaime Lerner, Schulman e outros). Na ocasião não tive contato algum com um Plano Agache! Não o vi e até hoje infelizmente não o conheço... Consultei hoje Rosa Kliass que então se responsabilizou pela análise paisagística; ela tampouco conheceu esse plano!

De modo que não posso responder a suas perguntas. O Plano Básico partiu de poucos dados locais e de muita intuição e leitura da cidade; as vias estruturais existiam como tendência viária, assim como a Avenida das Torres (que eu assim batizei) estava diante dos olhos embora não existisse. Muitas vezes o óbvio permanece invisível até que alguém o enxergue...

Dessa forma, criou-se em Curitiba uma imagem associada ao IPPUC, onde somente com a criação deste se começou a pensar a cidade. Muitos pesquisadores, políticos e a maior parte da população compartilham essa imagem, dando a impressão de que a cidade surgiu como tal somente na década de 1970 e que antes não havia preocupação em se planejar o desenvolvimento urbano. Porém, mesmo antes de Agache, o planejamento já era discutido, portanto também se apropria de ideias e projetos anteriores e as modifica. Vê-se nas palavras do arquiteto Wilhelm a falta de relevância e importância dispensada ao projeto de Agache pelos urbanistas posteriores a ele, ainda que, para que Curitiba seja hoje reconhecida internacionalmente por seu planejamento urbano, muito se deve à cidade pensada antes da chegada dos novos urbanistas e da criação do IPPUC.

Nesse sentido, ao articular mecanismos de reforço da imagem e de adesão social, a cidade surgiu, no discurso e na prática, como totalidade atualizada, sendo a totalidade urbana capturada e construída à luz do projeto de modernização do espaço. A linguagem de símbolos organizou a realidade urbana, tornando-se parte dela, sem esconder a materialidade da cidade (mas a deformando), com base em uma construção social e histórica que organiza seletivamente a realidade. Essa linguagem mítica tem a função de falar, depurar, inocentar, naturalizar os fatos, com o apoio dos meios tecnológicos de comunicação, que não informam sobre a cidade, mas a refazem à sua maneira (GARCÍA, 1997).

As intervenções são situadas numa sequência – passado – presente – futuro (GARCÍA, 1997) –, obedecendo ao estabelecimento de uma relação tempo-espaço que serve para reforçar seus significados, em que não é possível considerar a percepção do tempo sem menção ao espaço no qual se insere, construídos em relação às intervenções às quais estão referidos.

Estes mitos do discurso dominante, como os da “cidade humana” ou “cidade da gente”, operam com a omissão das diferenças sociais, passando a ideia que o projeto de modernização se dirige indistintamente a todos, permitindo a construção e manutenção do consenso. A formação étnica europeia⁴ também foi utilizada, desde a época de Agache, de forma a associar o sucesso do projeto a uma população acostumada com disciplina e trabalho, que acabaram por fortalecer o mito, bem como a promoção da imagem de Curitiba pela oposição à imagem negativa de outras metrópoles⁵, onde a identidade por oposição se tornou um dos registros mais marcantes da imagem de Curitiba no exterior,

⁴ Nas palavras de Cornelsen (2010) sobre o Plano Agache: “Explicou que por nossa formação étnica europeia (alemães, italianos e poloneses), com nível de educação elevado e com grande dedicação ao trabalho, Curitiba teria que inevitavelmente preparar sua malha viária pra atender um tráfego intenso de automóveis. Sim, Agache previu com exatidão que, em nossa capital, a população possuiria de um a dois carros por família”.

⁵ A reportagem do jornal El País, de 3 de julho de 2016, apresentava o seguinte título: “Curitiba, ‘cidade modelo’ busca novas referências; ‘Pelo menos não somos São Paulo’” (SECO, 2016). O tempo passou, mas permanecem as mesmas construções cultural-ideológicas.

quando se passou a não apenas se vender o projeto – o planejamento, procurou-se vender a cidade, o planejamento realizado (GARCÍA, 1997).

Dessa forma, tradição e contradição no planejamento curitibano continuam juntas nas direções colocadas para a cidade, cabendo discutir e definir novos ou reformular traçados, como os planejadores desde a década de 1940 o fizeram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, verificou-se que o planejamento urbano fora utilizado na cidade de Curitiba como uma ferramenta de uso político, mas principalmente econômico. Portanto, dentro da lógica estabelecida por Agache, da cidade funcionalmente estratificada e tendendo à eliminação e subjugação de uma classe menos favorecida por uma elite que queria modernizá-la, sete décadas depois o pensamento e os traçados feitos por Agache foram alterados, mas parte foi remodelada ou readequada com base em seu plano.

Pode-se dizer que foi com Agache que se iniciou a tradição da experiência curitibana em planejamento e o aceite por boa parte da população dos planos propostos, que partiram principalmente de seminários e palestras ministrados a segmentos da população (DUDEQUE, 2010), fazendo com que seminários, como o “Curitiba de Amanhã”, de 1966, abrissem caminho para a “população” se sentir parte dos processos de planejamento, criando, apesar das formas como os planos são ou foram expostos, com ou sem a participação popular, uma cultura geral em Curitiba de consenso e apoio aos projetos urbanos (GARCÍA, 1997). Essa imagem foi construída e “comercializada”, apontando para a chegada de Curitiba a uma possível “condição pós-moderna”, pois, se Agache representava o movimento moderno e uma escola de pensamento modernista, os anos 1970 e a execução de novos planos, não mais globais, como propunha Agache, mas pontuais, caracterizam o novo momento estético e de pensamento sobre a cidade .

Contudo, existe contradição no discurso oficial em pelo menos dois pontos: primeiro, na questão de muitas vezes se negar um passado não muito distante ou mesmo se esquecer dele, em que a moderna intervenção urbanística foi posta em prática. Negam assim a tradição colocada de se pensar a cidade, dando uma falsa impressão de que Curitiba foi pensada somente depois da chegada de Bento Munhoz da Rocha Netto ou Jaime Lerner ao poder e da criação do IPPUC.

Para Santos (1999, p. 13, grifo do autor), ao considerarmos como ponto de partida da investigação a cidade que se conhece hoje, devemos entender que Curitiba talvez tenha deixado para trás outras “curitibas”: “Cidades que desapareceram, e que, embora ocultas aos nossos olhos, estão ainda presentes nas lembranças de muitos de seus habitantes. São **cidades invisíveis**, no sentido de que se supõe estarem esquecidas [...]”.

Um segundo ponto é a questão de o planejamento em nenhum dos dois momentos ser realmente voltado para a melhoria das condições de vida das classes menos favorecidas. Tanto o plano proposto por Agache quanto o Serete/Wilhelm/ IPPUC e sua “continuidade” constituíram instrumentos de

acumulação de mais-valia com a terra urbana e aprofundamento da segregação, tanto social como espacial.

A atual Curitiba, resultado da sobreposição das diferentes “curitibas” que existiram desde sua fundação, revela hoje pouca capacidade de renovação, cabendo aos novos pesquisadores e planejadores do espaço urbano identificar novas formas de apropriação e racionalização do espaço, que não levem em conta somente o capital, mas a qualidade de vida e bem-estar da população.

REFERÊNCIAS

- CARMO, J. C. B. do. *A permanência de estruturas urbanas e a construção do conceito de cidade na abordagem geográfica: reflexões sobre o planejamento urbano da cidade de Curitiba*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- CARMO, J. C. B. do. *A Serra Pelada do urbanismo: planejando a região metropolitana da cidade modelo (Curitiba e região 1961-2015)*. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.
- CORNELSEN, A. L. O Plano Agache. 2010. Disponível em: <<http://www.lolocornelsen.com.br/portal%20lolo/txt%20-%20palestra.html>>. Acesso em: fev. 2018.
- DUDEQUE, I. T. *Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, 2010. 429 p.
- FARACO, J. L. *Planejamento urbano no Paraná: a experiência de Curitiba*. 2002. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- FERREIRA, L. *A importância da relação entre a arte pública e a cidade: uma análise dos murais de Poty Lazzarotto*. 2004. 80 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná – Curitiba, 2004.
- GARCEZ, L. A. *Curitiba: evolução urbana*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006. 168 p.
- GARCÍA, F. E. S. *Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing*. Curitiba: Ed. Palavra, 1997. 168 p.
- GARCÍA, F. E. S. *Curitiba imagem e mito: reflexão acerca da construção social de uma imagem hegemônica*. 1993. 188 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- GNOATO, L. S. P. *Introdução do ideário modernista na arquitetura de Curitiba (1930-1965)*. 1997. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GNOATO, L. S. P. Curitiba, cidade do amanhã: 40 depois. Algumas premissas teóricas do Plano Wilheim-IPPUC. *Arquitextos*, 2006. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/351>>. Acesso em: fev. 2018.

LERNER, J. *Acupuntura urbana*. São Paulo: Record, 2003. 140 p.

OBA, L. T. *Marcos urbanos e a construção da cidade: a identidade de Curitiba*. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE CURITIBA. Curitiba, ano II, n. 12, 136 p., nov./dez. 1943.

RIBEIRO, A. C. T. Metrópole e pesquisa: os desafios contemporâneos. In: PAVIANI, A. (coord). *A questão epistemológica da pesquisa urbana e regional*. Brasília, EDUNB: Brasília, 1993. p. 23-32.

RIBEIRO, L. C. de Q. CARDOSO, A. L. Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil. In: RIBEIRO, L. C. de Q. PECHMAN, R. (org.). *Cidade, povo e nação*. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 53-80.

SANTOS, A. C. de A. *Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)*. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

SECO, R. Curitiba, "cidade modelo" busca novas referências: "Pelo menos não somos São Paulo". *El País*, 3 jul. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/30/politica/1467311191_496018.html>. Acesso em: fev. 2018.

SILVA, M. C. da. *O plano de urbanização de Curitiba – 1943 a 1963 – e a valorização imobiliária*. 2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

URBS. Características da RIT. Disponível em: <<https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/rede-integrada-de-transporte>>. Acesso em: fev. 2018.